

## INCIDENTE

MARTILHO DAS DOCAS

**Osias Ribeiro Neves**

Curso de Ciências Sociais — FAFICH

O General contava histórias para as crianças à respeito da revolução. Matara cinco mil só com uma bomba atirada de um avião americano. Doze morreram estilhaçados por uma granada durante o combate em Cadirón.

As crianças brincavam de soldados à sua volta com metralhadoras, facas, fuzis de plástico.

Recuperando de um ferimento no ombro direito, o General falava dos 30 guerrilheiros fuzilados na última quarta-feira.

Se gabava muito de sua carreira no Exército. Subira ao posto de General há dois meses quando acabara com um bando de camponeses que resistiam ao sul de Acaúma. Usava ainda as mesmas botas do último combate e a vestimenta, a mesma farda que presenciara o massacre nos arredores de Mantero. Depois que passou a comandar as forças regulares do governo, as coisas mudaram muito e ele agora dissertava sobre os 38 inimigos de Estado que mandou jogar no mar.

De sua boca os canhões, o sangue dos sacrificados, os gritos dos oprimidos escapavam e ele nem se dava conta a não ser de vez em quando numa gargalhada ensaiada em suas entranhas. Se sentia muito feliz; o golpe havia sido dado em nome de uma possível desordem, de uma subversão e «era preciso arrumar a casa». De acordo com os acontecimentos, seria ele o próximo governante do país.

O general trazia o peito repleto de estrelas, como todos os generais, todas provindas de atos de «bravura», força das armas contra o povo indefeso de Acaúma.

Depois de um gole de Rum falava dos 23 que pessoalmente varou com sua espada de prata, presente de um general de um país vizinho.

Usava óculos escuros, como todos os generais, para esconder a cegueira.

As crianças faziam muito barulho atirando umas nas outras com suas armas de plástico, presente do General que nesta exata hora pedia, ordenava aos gritos que eles fizessem um pouco de silêncio para continuar as histórias que agora atingiam o auge.

Descrevia com todos os detalhes como assassinou o camponês Rodrigo, mulato comandante das forças rebeldes de Acaúma.

— Foi uma emboscada maravilhosa — comentava — que inclusive me deu o título de «A Serpente». Um tiro seco, o mais certo e preciso que já dei em toda a minha vida. O homem caiu feito animal abatido. Me aproximei dele, ainda estava vivo. Então peguei aquela faca que está pendurada ali e cortei-lhe primeiro as orelhas, depois as mãos e depois a cabeça. Mandeí que enviassem numa embalagem de presente, aos rebeldes do sul.

Neste momento o General sorria e parecia mesmo ter atingido o orgasmo. Reclinando um pouco o corpo para frente enquanto as crianças boquiabertas, imóveis, engoliam a seco.

A boca do General espumava, espermatozava no gozo pleno de seus sentidos e ele cada vez mais reclinava o corpo para frente até que se pôs de pé, ergueu a mão direita e num grito ordenou às crianças:

— Soldados!... Sentido!...

As crianças se aprumaram para receber as ordens do velho:

— Na cozinha — continuava — há uma velha inútil, parálitica, minha mulher, ex-mulher de um rebelde. Eu a quero aqui e se preciso for, façam uso da força.

Os pequeninos soldados desceram alinhados, apanharam a corda que fora usada pelo mestre num enforcamento de um traidor e se puseram rumo à cozinha, menos o menor de todos, um intruso, o mulatinho filho camponês de Acaúma que se encontrava na sala de troféus.

O General se contorcia num sorriso desesperado em completo êxtase que nem viu o mulatinho entrando, subindo na escrivaninha, retirando da parede a espada e se aproximando dele de mansinho e, sem vacilar, enterrar-lhe todo o aço.